

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

MAGDA GONÇALVES DE ASSUNÇÃO

A ESCOLA E OS ESPAÇOS POSSÍVEIS DE COMBATE À HOMOFOBIA

Belo Horizonte

2015

MAGDA GONÇALVES DE ASSUNÇÃO

A ESCOLA E OS ESPAÇOS POSSÍVEIS DE COMBATE À HOMOFOBIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Belo Horizonte

2015

MAGDA GONÇALVES DE ASSUNÇÃO

A ESCOLA E OS ESPAÇOS POSSÍVEIS DE COMBATE À HOMOFOBIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira – Faculdade de Educação da UFMG

André Geraldo Ribeiro Diniz – PUCMINAS

Belo Horizonte

2015

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela luz eterna

À “Casa das 7 mulheres”, que mesmo brincando, sempre foi fonte de boas ideias e muita força, sempre ajudando na conclusão deste curso.

Aos meus amigos e amigas e aos companheiros de profissão que são confiantes na educação.

À Karine pela força, pelas conversas e pelas ótimas ideias, sempre presente e amiga.

Ao Marcus pela boa vontade, pelas boas ideias, pelas palavras de incentivo e pela prontidão.

À paciência de todos/as que, mesmo não citados/as neste momento, estão sempre em meus pensamentos.

Meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho nasceu do inconformismo frente à desagradável situação encontrada quando pessoas de orientações homossexuais são invisibilizados/as ou desprezados/os nas práticas escolares e no dia a dia de nossas vidas. São tratados/as de forma grosseira, por apelidos pejorativos e com total falta de respeito por terem uma orientação sexual que não é socialmente aceita.

Muitas destas práticas de negligência e abandono dirigidos a eles/as, são marcas constantes em nossa sociedade, e nós educadores/as não nos atrevemos a questioná-las.

Este projeto buscou apresentar para os/as alunos/as o assunto relativo ao preconceito e à homofobia, que são situações presentes em nossas vidas. Buscamos questionar os processos que levam às ações acima, tentando dar visibilidade positiva a este grupo que sofre este preconceito.

Para desnudar alguns conceitos erroneamente construídos, foram apresentadas uma variedade de opiniões, inúmeros sujeitos e algumas ações afirmativas que perfazem a nossa realidade plural. Esclarecendo para nossos/as aluno/as e comunidade escolar, que todos nós somos sujeitos sociais e representamos uma atualidade muito complexa e também diversificada.

Palavras-chave: educação e homossexualidade – homofobia na escola – educação e homofobia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. PROBLEMATIZAÇÃO	10
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA	12
3. OBJETO DA PESQUISA:	15
4. OBJETIVO GERAL:.....	16
4.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	16
5. JUSTIFICATIVA.....	17
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
7. METODOLOGIA	21
8. AÇÕES PROPOSTAS.....	22
9. CRONOGRAMA	23
10. INDICADORES DE AVALIAÇÃO DAS AÇÕES.....	24
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
13. ANEXOS	43

1. INTRODUÇÃO

Entre os inúmeros problemas que marcam a atual sociedade, podemos citar os preconceitos acerca das questões de gênero e da diversidade sexual como as atitudes sexistas, a homofobia, o machismo, a misoginia. Entre todos, consideramos as questões acerca da orientação sexual as mais prioritárias para o ambiente escolar. As pessoas com orientação homossexual não são consideradas sujeitos/as portadores/as de direitos.

Isto é gritante e chama à atenção no cotidiano escolar, quando nos deparamos com o desrespeito e até mesmo com a marginalização destas pessoas, alvos constantes de piadas e de comentários maliciosos por assumirem uma determinada orientação sexual que não seja a considerada “normal”. Eles/as são colocados/as em condições subalternas, não merecedores/as de respeito, tratados/as com descaso. A não aceitação destes sujeitos é fato muito corriqueiro em nossas escolas.

Vivemos em uma sociedade construída sobre inúmeros conflitos sociais traduzidos em vários tipos de lutas: de classe, políticas, de direitos, de reconhecimento, e estas são realizadas por vários grupos que estão historicamente exigindo que seus atores sociais sejam reconhecidos e inseridos na sociedade.

Um destes conflitos a ser resolvido seria o de reconhecimento de grupos que continuam a ser desprezados, invisibilizados pela sociedade. Mesmo sendo a homossexualidade algo que existe há muito tempo, conforme apresenta, DIAS,

A homoafetividade sempre existiu. Apesar da rejeição de muitos, é uma realidade que não dá mais para ficar invisível.

Não há forma mais perversa de exclusão. A falta de inclusão no sistema jurídico impede o reconhecimento de direitos e favorece a homofobia. Daí a ideia de construir uma grande rede de informações com todas as vitórias já obtidas pela população LGBT no âmbito do Poder Judiciário.

Afinal é a Justiça que tem assegurado aos homossexuais o pleno exercício de cidadania. Manter atualizada esta ferramenta é um compromisso de todos que acreditam na construção do direito homoafetivo como um novo ramo do Direito. (DIAS, Maria Berenice. Portal – Direito Homoafetivo – Consolidando Conquistas).

Grande parte da sociedade, mesmo após tantas lutas, esclarecimentos e algumas conquistas destes grupos minoritários, ainda age de maneira preconceituosa: quem não se enquadra na normalidade (seja esta em qualquer sentido: moral, sexual, racial ou outros), é duramente criticado/a e vitimado/a por ações de desrespeito. Estas atitudes são alicerçadas na intolerância de vários grupos da sociedade em aceitar qualquer pessoa que dizemos ser “diferente”.

Não conseguimos aceitar ou não temos a capacidade de entendimento e de respeito para com todos os componentes da sociedade, especificamente para os sujeitos das orientações homossexuais. Para muitas pessoas, o que não é igual ao seu pensamento está desvirtuado, errado, pecaminoso, é fonte de uma má influência social, entre tantos outros, termos preconceituosos que foram socialmente construídos e que são utilizados para designar os/as homossexuais.

É neste contexto de negação à sua personalidade, sua afirmação enquanto ser humano com suas orientações, que muitos indivíduos tentam se firmar na sociedade, mas a eles/as é negado um espaço social, o abandono social lhes é determinado, são renegados/as, parece que nem existem. E estas pessoas estão inseridas em todos os locais sociais onde existem as relações humanas, inclusive na escola, que tenta negar esta existência, ou mesmo agir como se não existissem ou fossem invisíveis. LOURO, 1997 observa que:

É importante notar, no entanto que, embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados/as sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores/as façam afirmação do tipo: “em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isto, nós não temos nenhum *problema* nessa área”, ou então, “nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos”. De algum modo, parece que se deixarem de tratar esses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola. (LOURO, 1997, p.80)

Com algumas mudanças nas relações sociais, conscientização e cobranças por direitos, estas pessoas através da sua luta, estão conseguindo se mostrar, se fazerem reconhecer, estão se colocando para a sociedade, não aceitam mais serem desprezadas/os ou abandonados/as, se situam no lugar de cidadão/ã com direito ao prazer, à vida, às manifestações, ao grito, ao trabalho, à constituição de famílias, situações que até pouco tempo lhes eram negadas.

E para que haja mudanças é primordial que existam discussões sobre estes personagens sociais e o entendimento da importância da escola nestes acontecimentos, pois uma de suas prioridades deve ser o de estremecer seus alicerces, mudar seus pensamentos que têm como base uma família heterossexual, monogâmica, um modelo tradicional, baseada na ideia de que a mesma é sagrada, única e infalível. Reconhecer que ser diferente, não significa necessariamente, ser pior, ou melhor, pois padrão e norma, quaisquer que sejam, são algo que são questionados por excluirmos e hierarquizarmos seres humanos..

As escolas devem aceitar incentivar e fazer parte destas discussões, apresentando-as como uma necessidade social, divulgando, talvez, a proposta nacional do Estatuto da Diversidade Sexual (cartaz abaixo). O Estatuto não deve ser entendido como um capricho de um grupo minoritário, mas sim de uma política de ações afirmativas.



Participe da aprovação do Estatuto da Diversidade Sexual

Íntegra no site www.direitohomoafetivo.com.br

Uma Lei de iniciativa popular para:

- ✓ criminalizar a homofobia e
- ✓ assegurar direitos à população LGBT



Primeira mobilização social pela cidadania da população LGBT.

Para isso é necessário colher 1 milhão e 400 mil assinaturas.

Participe:

- assine online a petição pública
- curta e compartilhe no facebook
- imprima os formulários e saia em busca de adesões

Detalhes: www.estatutodiversidadesexual.com.br

Dessa forma, devemos exigir que a escola se torne espaço de diálogo, apresentando para nossos/as alunos/as e comunidade a diversidade e a repulsa ao modelo único, questionando as representações sobre as dinâmicas de gênero, e relativizando os preconceitos e as estereotípias tão presentes em nosso cotidiano escolar.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

São muitos os preconceitos e falas estereotipadas em nossas comunidades, quando fazem referência aos homossexuais. Dentro e fora da escola constantemente, encontramos palavras ofensivas, comportamentos homofóbicos, que precisam e devem ser combatidos, pois a heterossexualidade foi naturalizada e tornou-se a única prática sexual aceitável, uma lógica moral, necessária a ser seguida.

Estas ideias historicamente construídas e mantidas apresentam a homossexualidade, segundo LIONÇO, 2009, como:

Crime abominável, amor pecaminoso, tendência perversa, prática infame, paixão abjeta, pecado contra a natureza, vício de Sodoma: tantas designações que durante séculos serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Relegado ao papel de marginal ou excêntrico, o homossexual é tido pela norma social como bizarro, estranho ou disparatado. Como o mal sempre vem de fora, na França, por exemplo, qualificou-se a homossexualidade de “vício italiano”, “costume árabe”, “vício grego” ou, ainda, “costume colonial”. O homossexual, assim como o negro, o judeu ou o estrangeiro é sempre o outro, o diferente, aquele com o qual qualquer identificação é impensável (LIONÇO, 2009, p. 15).

É este contexto de não aceitação, de desrespeito, de construção de uma ideia do pecado e do errado, que muitos grupos majoritários socialmente, constroem guetos para onde deslocam os/as homossexuais, tornando-os/as seres de “corpos abjetos” (Judith Butler), em uma sociedade tida como moral e fortemente edificada. O que é diferente não é aceito, se torna inferior, carregado de história de pecado, de mazelas, de culpa.

E nas escolas onde estudam adolescentes e adultos, várias cenas de jovens e alguns professores/as de orientação homossexual sendo tratados/as de maneira grosseira, desrespeitosa por uma boa parte da comunidade escolar, são cenas corriqueiras. Este projeto propõe discutir a questão de gênero, mais especificamente aquelas pertinentes às expressões de gênero em desacordo com a heterossexualidade.

É de muito mau gosto e falta de respeito alguns comentários e apelidos pejorativos como: “bichinha”, “sapatão”, “mariquinha”, “viadinho” que são proferidos por pessoas de nossa comunidade escolar, quando querem fazer referência à pessoa de orientação sexual por pessoas do mesmo sexo.

Devemos considerar no mínimo estranho e perigoso, a escola não se disponibilizar a trazer para dentro de seus muros a discussão de questões tão atuais e de tão grande necessidade. Por mais que muitos queiram silenciá-las, as mesmas são evidentes, visíveis, e de alto grau de importância social. Como LOURO 1997 *“Diferenças, distinções,*

desigualdades.... A escola entende disso.” (p.57) esta frase provoca um pensamento: a escola que deveria ser um local de busca da liberdade e de produção da consciência e respeito às diferenças é concebida como um local que reproduz e sustenta a desigualdade, a intolerância.

Historicamente, encontramos a escola com uma importância muito grande para diversos grupos sociais: além de ser a instituição responsável por apresentar às crianças o mundo além da sua família, ela é também o local do conhecimento, de contato com o/a outro/a. E desde novinhas as crianças já são apresentadas às rígidas separações sexuais que estabelecem o que é para menino e o que é para menina: cores, brinquedos, livros, espaços, falas, esportes, atividades, entre várias outras atividades escolares.

Aqueles/as que destoam do padrão menino ou menina estão fora da lógica, da norma binária, acabando sendo anulados/as, não reconhecidos/as, são indesejáveis, esquisitos/as e não confiáveis.

A escola colabora para a divulgação de uma sexualidade correta, determinando o certo e o errado, e quem destoa do binarismo sexual, acaba por ser apresentado/a como alguém que é doente, possuidor/a de uma patologia que deve ser curada, reforçando o que a sociedade considera como correto, consideram que o padrão hétero é o normal, acaba sendo a referência a ser seguida enquanto as outras formas são desqualificadas e precisam ser curadas.

Assim, a escola reproduz a naturalização da heterossexualidade como aceitável e se referem às outras formas de expressão da sexualidade de maneira desqualificada, afirmando sua anormalidade. Piorando ainda mais, existem educadores/as que consideram que a sexualidade é assunto a ser resolvido somente pela família, ou que este “problema” não deve ser comentado em nossas escolas, invisibilizando, assim, a pessoa que não se reconhece como heterossexual.

A escola, os/as educadores/as, devem reconhecer que o/a diferente existe e que deve ser respeitado/a e que esta ação deve ser uma das principais nos espaços escolares. Os/as sujeitos/as envolvidos/as no processo educacional devem estar preparados/as para várias situações, tendo sempre por base o respeito, a aceitação, a alteridade, o entendimento de que o/a diferente faz parte de nossas vidas.

A sociedade sempre foi multifacetada, por mais que o padrão da normalidade tenha sido construído e dado como o único a ser seguido, não podemos negar a existência das diferenças. Essas diferenças e o questionamento da norma estão sendo uma constante na sociedade em geral, e, por muitas vezes, em nossas escolas, estes grupos continuam a não existir, sendo negados.

Esta anulação de certos grupos é uma forma de esconder quem foge ao padrão, o que não se enquadra no modelo normal, o diferente. Sendo assim, aos homossexuais, não é concedido o pertencimento ao grupo, ficam à margem.

Diante do exposto pretende-se debater com alunos/as questões como a homofobia, a não aceitação das orientações sexuais homossexuais, a necessidade de uma postura mais respeitosa no tratamento a todos os indivíduos, para que possamos melhorar nossa convivência e construir uma sociedade mais aceitável.

2.a - CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola objeto deste plano de ação é a Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC), fundada em 1972, localizada no bairro Jardim América, zona Oeste da cidade de Belo Horizonte. Ela atende à comunidade dos aglomerados da Ventosa, Morro das Pedras, Vila Leonina, Bairro Jardim América entre outros. Com uma área privilegiada de aproximadamente 22.000m², torna-se nos fins de semana, um espaço de recreação para a comunidade do entorno, que não conta com praças ou quadras esportivas dentro do bairro e dos aglomerados vizinhos. As quadras e os demais espaços da escola são utilizados para prática de esportes, projetos culturais, casamentos coletivos e atividades de encontro entre jovens.

Além destas opções a EMOC participa também do Projeto Escola Aberta, e Escola Aberta nas Férias, programas institucionais da Rede Municipal de Belo Horizonte, tornando-se um dos poucos espaços de lazer e cultura acessíveis a esta comunidade.

A EMOC atende alunos do 3º ciclo e mais recentemente turmas de 2º ciclo, e grande parte de nossos alunos vivem nos aglomerados que formam o entorno da escola, que são áreas materialmente empobrecidas convivendo cotidianamente com grandes problemas sociais como: desemprego, subemprego, violência, tráfico de drogas entre outros tantos.

Muitas das famílias atendidas pela escola são mantidas pelo trabalho feminino, e a educação de seus/as filhos/as é responsabilidade feminina, o que pode ser comprovado nas reuniões com os responsáveis pelos estudantes, em que as mães ou avós são as que comparecem e se tornam o elo da família com a escola.

Notamos uma instável relação da escola com a comunidade, pois, ao mesmo tempo a escola se constitui para alguns/as alunos/as, em um espaço acolhedor e de socialização, para outros/as é um local de conflitos. Conflitos entre os próprios alunos, que muitas vezes se

iniciam fora da escola e se prolongam até ela; conflitos de valores, que se dá pela diferença de valores entre a comunidade que trabalha na escola e os alunos/as; e por fim, o conflito que se estabelece pelo não reconhecimento, por parte de alguns/as alunos/as, de regras de conduta determinadas socialmente ou mesmo pela escola, como: respeito aos/às professores/as, aos colegas, e aos funcionários/as da escola, entre vários outros.

Tentando diminuir as várias situações de tensões recorrentes na escola, como: brigas físicas, manuseio de armas brancas ou de fogo, intimidações e ameaças abertas ou veladas de alunos/as a professores/as ou funcionários/as, a escola historicamente, procurou construir e desenvolver projetos que possuem como objetivo promover a superação de alguns conflitos e a integração efetiva dos/as estudantes e suas famílias com a escola.

Entre estes devemos citar: Projeto Amigo do Cuca; Projeto Horta (projetos que não existem mais), e em um período mais recente a escola conta com outros projetos: Grafitegem, Projeto Rede Pela Paz, Projeto Valorização da Cultura Negra, Projeto Memória, Projeto Percussão. Alguns não tiveram continuidade por falta de interesse da comunidade ou pela falta de verbas e incentivos das autoridades competentes, outros foram adaptados ou incorporados no cotidiano da escola e outros como o Projeto da Percussão se mantêm, inclusive, com a participação de ex-alunos/as.

Observando o histórico dos projetos inseridos e desenvolvidos na escola, não foi localizado nenhum dedicado à discussão da orientação sexual, ou sobre a homofobia, ou que apresentasse as conquistas de direitos civis pelas minorias ou quaisquer outros com este fim.

E em conversas informais com vários/as alunos/as, funcionários/as e professores/as da escola, quando a referência são pessoas de orientações homossexuais, notamos que há deboche nas falas e nas ações.

Nós, educadores/as devemos reconhecer que estamos inseridos/as em uma sociedade e os padrões dela estão arraigados em nossos pensamentos e atos, muitos de nós não conseguimos deixar de pensar e agir preconceituosamente. A existência e mesmo a permanência de padrões socialmente construídos que apresentam como aceitável e válido exclusivamente o modelo heterossexual, deve ser questionado e nós educadores/as devemos exigir que esta norma seja abandonada e substituída pela prática de reconhecimento, inserção e de aceitação de todas as orientações sexuais.

Como propor mudanças? Chegamos a considerar que outro tipo de formação nas graduações seja capaz de resolver os problemas relativos a não aceitação da questão da orientação homossexual, mas pensando bem, a mudança está mais relacionada à formação familiar, social e nas ações cotidianas. Se não mudarmos nosso comportamento, se não for

trabalhada a questão em nossos locais de convivência e entre eles a escola, muita coisa permanecerá da mesma forma.

Segundo LOURO, 2005, como educadores/as devemos nos conectar às mudanças contemporâneas:

Talvez seja mais produtivo para nós, educadoras e educadores, deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e de práticas como um "problema" e passar a pensá-la como constituinte do nosso tempo. Um tempo em que a diversidade não funciona mais com base na lógica da oposição e da exclusão binárias, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa. Um tempo em que a multiplicidade de sujeitos e de práticas sugere o abandono do discurso que posiciona, hierarquicamente, centro e margens em favor de outro discurso que assume a dispersão e a circulação do poder. Não eliminamos a diferença, mas, ao contrário, observamos que ela se multiplicou - o que nos indica o quanto ela é contingente, relacional, provisória. A diversidade nos demonstra, mais do que nunca, que a história e as lutas de um grupo cultural são atravessadas e contingenciadas por experiências e lutas conflitantes, protagonizadas por outros grupos. Por isso, temos de aprender, nesses tempos pós-modernos, a aceitar que a verdade é plural, que ela é definida pelo local, pelo particular, pelo limitado, temporário, provisório. (LOURO, 2005, p.51)

Não cabe mais, nesta sociedade moderna, cibernética, colorida, multifacetada, concepções machistas, homofóbicas e violentas. O mundo é plural, dinâmico e precisamos de muita agilidade para acompanhar, entender e aceitar as mudanças, que são muitas, e muito rápidas.

Algumas novelas, propagandas, reportagens que apresentam momentos onde figuras homossexuais estão presentes, estes espaços mediáticos, mesmo quando possuem visões distorcidas, servem para lembrar à sociedade a existência da homossexualidade, provam a instabilidade do pensamento heterossexual, e trazem a discussão da homofobia, para uma área onde até então ela era proibida, os lares.

E não podemos considerar que somente a escola é o espaço constituidor de ações ou pensamentos contra práticas homofóbicas, enquanto educadores/as devemos assumir a nossa importância nesta discussão. Temos de nos inserir neste reconhecimento e estar dispostos/as a praticar tal debate e trazê-lo para nossas escolas.

3. OBJETO DA PESQUISA:

As expressões de homofobia e suas consequências entre os/as alunos/alunas dos 9^{os} anos do 3º ciclo da EMOC - ESCOLA MUNICIPAL OSWALDO CRUZ.

4. OBJETIVO GERAL:

Debater a homofobia e todos os processos de discriminação e violência acarretados por esse preconceito e contrapor a essa visão uma perspectiva mais plural e aberta de aceitação da diferença.

4.1 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Inserir os/as alunos/as nas discussões atuais sobre a homofobia e alguns conceitos necessários para este entendimento;
- Quebrar tabus sobre a questão da homossexualidade;
- Discutir sobre o respeito que devemos ter com a orientação sexual das pessoas.

5. JUSTIFICATIVA

As políticas e ações pautadas nas relações interculturais estão caminhando a passos lentos, porém são discussões que estão na ordem do dia atendendo às demandas das minorias que historicamente lutaram por reconhecimento e respeito, mesmo sendo tratados como inferiorizados. Mas, mesmo a passos lentos, é necessário avançar para uma sociedade que saiba lidar com as diferenças e as instituições escolares têm um papel fundamental no fomento desse diálogo intercultural.

É muito incômodo a não discussão e a não aceitação das questões de gênero sexual dentro das escolas, como se elas não existissem. Na maioria das vezes as orientações homossexuais dos/as estudantes e professores/as não são respeitadas, servindo de deboche, com comentários infelizes que são marcados pelo preconceito, pela vulgarização e inferiorização das pessoas envolvidas nestas relações. LOURO (2007) chama atenção sobre a situação do “esquecimento” dos/as alunos/as homossexuais:

Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los/s’, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejar-los/as. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’. A ignorância (chamada, por alguns, de inocência) é vista como mantenedora dos valores ou dos comportamentos ‘bons’ e confiáveis. A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às gozações e aos insultos dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos. (LOURO, 2007, p. 67, 68)

A heterossexualidade é uma prática social incorporada como legítima, e neste contexto de desrespeito, de não reconhecimento, de não aceitação do que é diferente, da falta de preparo das escolas e comunidade para trabalhar, ou melhor, aceitar e entender as orientações sexuais das pessoas. Assim, se torna necessário um trabalho efetivo sobre este tema mostrando que alguns sujeitos sociais são excluídos de seus direitos, são desumanizados, não incorporados ao cotidiano, são tratados como seres de fora da sociedade.

É em busca de ações afirmativas para este grupo que devem ser abertos canais de debates e discussões nas escolas, uma apresentação, para o corpo docente e para equipes diretivas, da dura realidade vivida pelas minorias. Incorporando nos currículos escolares discussões, quebras de tabus. Como conseguir isto? Procurando parcerias com grupos afins, mais modernos, contextualizados, atuantes neste setor da sociedade.

São necessárias novas formas de ação, reconhecer nossas falhas e as necessidades das mudanças.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escolha de trabalhar a questão da orientação sexual com alunos/as do ensino fundamental é resultado de um grande período de observações cotidianas em escolas públicas, de uma longa prática pedagógica e após duas formações acadêmicas, ambas em licenciatura, sendo que poucas vezes, nestes três itens foi observada ou tocada na necessidade de reconhecer a orientação homossexual. LOURO, 2.000,

No "sagrado" campo da educação não apenas separamos mente e corpo, mas, mais do que isso, suspeitamos do corpo. Aparentemente estamos, nas escolas e universidades, lidando exclusivamente com ideias e conceitos que de algum modo fluem de seres incorpóreos. (LOURO, 2000, p. 60)

São várias indagações e poucas discussões sobre: Como se portam alunos/as homossexuais frente a seus colegas de escola? Como eles/as são tratados/as pelos/as seus/as colegas de escola? Pelos/as professores/as e demais funcionários/as? Existe respeito à orientação sexual de quem não é heterossexual?

A questão da homossexualidade é muito pouco discutida nas escolas, em algumas famílias e muito pouco nos cursos de formações ou licenciatura. É muito difícil, ou mesmo impossível lembrar alguma disciplina que tenha trabalho as questões sexualidade e diversidade no currículo de algumas universidades. Para ALBUQUERQUE:

Certamente, a família e a escola convivem com essa complexidade, que é, sem dúvida, um desafio. A abordagem do assunto nas escolas deixa alguns pais e educadores ansiosos e receosos. Entretanto, é importante entender que o respeito às diferenças deve estar presente no currículo escolar, e estabelecer a tríade educacional pais – aluno – escola para informar e orientar, é o primeiro passo para quebrar o preconceito. (ALBUQUERQUE, Ano 12, nº 67 - Versão On line.)

As orientações sexuais que fogem ao padrão das “normais”, as que subvertem a regra binária imposta socialmente, são indesejáveis, desconsideradas e encontram-se abandonadas pelo processo educacional. Parece-nos que o discurso da igualdade propagado pelas instâncias pedagógicas escolares, não vale quando a situação envolve as orientações sexuais.

No cotidiano escolar o discurso da igualdade e do respeito é muito difundido e torna-se “pano de fundo” para inúmeras práticas pedagógicas, mas nestes espaços, encontramos uma realidade marcada pela reprodução das mazelas cotidianas da sociedade e seus conflitos.

Devemos ter em conta que a escola é um local onde deve acontecer a aprendizagem e também um convívio entre iguais, ela mascara vários problemas que sempre existiram, mas

que sempre foram disfarçados. Existem várias questões que marcam o cotidiano escolar e às vezes são encobertas, desconsideradas e entre elas podemos lembrar os conflitos sociais que são reproduzidos nas escolas; a geração de conflitos; grupos ou pessoas que constituem minorias excluídas na sociedade continuam a ser desconsideradas no local em que deveriam ser respeitados e entendidos (a escola).

Somos frutos de um pensamento binário, masculino e feminino, mas que deve e pode ser questionado. Nem tudo na vida é um modelo único, nada pronto e acabado, a sociedade, e todos que estão inseridos na mesma passam por diversas transformações, políticas, econômicas, afetivas, familiares, enfim, são mudanças constantes, inerentes ao ser humano. Notadamente, reproduzimos em nossos espaços escolares problemas cotidianos da nossa sociedade.

São fatores ligados à inserção digna e respeitosa dos homossexuais na educação e na sociedade, que nos trazem inquietações, ansiedades e dúvidas. Devemos reconhecer os direitos e as necessidades deste grupo. Não podemos utilizar como desculpas o nosso pouco conhecimento científico sobre estes grupos, devemos sim nos inquietar, conhecer, desejar e batalhar pelas mudanças e pela incorporação verdadeira de todas as orientações sexuais em nossas escolas.

7. METODOLOGIA

A escolha sobre a questão Diversidade Sexual trouxe uma pequena instabilidade, pois como discutir com adolescentes um assunto que, na maioria das vezes, é um tabu, é tratado como pecado, vergonha ou algo deste tipo. Este sempre foi um assunto marcado pelo silêncio, algo velado. Muitas vezes, não encontramos nas escolas, ou em nossas famílias, a discussão sobre o assunto: orientação sexual, enfim, é algo que parece não integrar o cotidiano de nossas vidas, é como se a homossexualidade estivesse fora de nosso alcance e de nossas vidas.

O desenvolvimento deste projeto foi nos meses de julho a novembro de 2014, nas aulas de História nas turmas M e N que são do 9º ano do 3º ciclo. Foram utilizados como espaços: as salas de aulas, a biblioteca escolar, a sala de multimeios e algumas áreas externas da escola.

O projeto desenvolveu-se tendo por base a leitura de textos, discussões sobre os mesmos, apresentação de novos conceitos, esclarecimento de dúvidas, troca de ideias e opiniões entre os/as alunos/as e a professora e execução de cartazes pertinentes ao tema.

Nos dias da realização do Projeto, as turmas foram separadas em pequenos grupos, foi feita uma leitura dos textos sempre em voz alta e quando necessário, houve intervenção da professora no esclarecimento de palavras novas ou que fossem de fundamental importância para o entendimento do texto.

Após a leitura, os/as alunos/as manifestavam suas opiniões, esclareciam dúvidas, concordavam ou discordavam do que haviam lido e quando queriam, podiam também apresentar alguns exemplos próximos a eles/as para ajudar no entendimento do texto. As falas dos/as alunos/as foram anotadas e reproduzidas nas páginas deste Projeto.

No momento final, os/as alunos/as elaboraram cartazes pertinentes ao tema e duas alunas apresentaram desenhos, o resultado está apresentado no relatório final deste Projeto.

Alguns problemas relativos ao tempo devem ser destacados, justificando o longo prazo para o cumprimento deste Projeto, foram quase cinco meses, tal fato é justificado pela aplicação de provas externas e atividades finais nas turmas de 9º ano.

8. AÇÕES PROPOSTAS

Para trabalhar o tema deste Projeto, inicialmente, foi apresentado às turmas escolhidas a importância de trazer as discussões sobre homossexualidade e orientação sexual para os jovens e para a escola.

Paralelo à discussão dos temas, apresentamos também a necessidade de mudar pensamentos contrários à diversidade e quebrar a repulsa ao homossexualismo, substituindo esta negatividade por um entendimento de que o mundo é baseado em modelos que não podem ser únicos, e que existem espaços de mutações, variações, diversidades e diferenças.

Buscando estas mudanças, foram apresentados conceitos que nem todos/as os/as alunos/as conheciam, realizadas discussões e troca de ideias. Em algumas aulas, foram apresentados e trabalhados textos coletados da internet (nos Anexos), que foram lidos, explicados, debatidos, discutidos em grupos e individualmente.

As atividades foram desenvolvidas da seguinte maneira:

- Leitura de textos xerografados;
- Discussões dos textos entre todos/as alunos/as;
- Confrontação de ideais, emissão de opiniões e esclarecimentos de dúvidas.
- Apresentação de filme e discussão sobre o mesmo;
- Dia 08 de novembro foi realizada a Festa da Família na EMOC, quando nossos/as alunos/as apresentaram, através de cartazes o resultado das discussões em sala.

9. CRONOGRAMA

DATA	ATIVIDADES	DESCRIÇÃO
16/07	Apresentação do projeto aos professores/as, coordenadoras e equipe diretiva da escola	Conversa informal na sala dos/das professores/as
07/08	Apresentação do projeto aos/as alunos/as das turmas M e N	Reunião com as duas turmas em uma sala maior para apresentação do projeto
14/08	Trabalho com conceitos ligados às questões de sexualidade Texto 1	Apresentação de alguns conceitos, conversando com os/as alunos/as, verificando se sabem: tabus, preconceitos, as dúvidas etc.
28/08	Trabalho com o texto 2	Leitura em voz alta e divisão da turma em grupos para fazer debates
11/09	Trabalho com o texto 3	Leitura em voz alta e divisão da turma em grupos para fazer debates
25/09	Trabalho com o texto 4	Leitura em voz alta e divisão da turma em grupos para fazer debates
09/10	Trabalho com o texto 5	Divisão da turma em grupos para fazer debates
18/10	Atividade extra – os/as alunos/as foram orientados/as a recolher em casa ou na biblioteca de nossa escola, imagens sobre o tema do projeto	As gravuras e imagens foram utilizadas para fazer os cartazes
05/11	Explicação aos/as aluno/alunas sobre a atividade de elaboração de cartazes – início da atividade dos cartazes	Explicação sobre a elaboração dos cartazes e recortes de jornais e revistas
05/11	Execução dos cartazes	Continuação
06/11	Continuação	Continuação
08/11	Festa da família: exposição dos trabalhos realizados pelos/as alunos/as durante o ano letivo.	Exposição do trabalho. Os/as envolvidos/as usaram camisetas confeccionadas para o projeto de “Diversidade de Gênero”.
13/11	Curta: “Hoje eu não quero voltar sozinho”	Assistiram o curta e discutiram ao final
20/11	Conversas Finais	Bate papo com os/as alunos/as quanto à opinião sobre o projeto

10. INDICADORES DE AVALIAÇÃO DAS AÇÕES

DIA: 16 DE JULHO

A professora Karine Luiza Ferreira, de Geografia, realizou um projeto concomitante a este, com o título: “Possibilidades e desafios no debate sobre hierarquias de gênero e questões étnico-raciais em sala de aula.” resultado também do LASEB. Os projetos foram realizados nas mesmas turmas.

Neste dia, Karine e eu, apresentamos o Projeto DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO aos/às professores/as, coordenadoras e equipe diretiva da escola. Fomos bem recebidas, os presentes falaram em cooperar, e dentro do possível, trabalhar alguns assuntos em seus conteúdos. Consideraram de muita importância inserir estes temas dentro da nossa comunidade escolar.

A direção da escola aceitou confeccionar camisetas para quem estiver envolvido/a no projeto. Combinamos também que o ponto chave da apresentação do projeto seria o dia da Festa da Família da nossa escola, no dia 08 de novembro.

Aproveitamos a ideia da camiseta e propusemos lançar um concurso que foi realizado entre os/as alunos/as, de desenhos referentes ao tema.

DIA: 07 DE AGOSTO

Neste dia ocorreu a apresentação dos Projetos para as duas turmas. Reunimos os/as aluno/as em um mesmo local. Explicação do que era e como seria o projeto, quantas aulas usaríamos, o que iríamos discutir, apresentação dos temas e das intenções.

DIA: 14 DE AGOSTO

Início do Projeto, neste encontro foi feita a apresentação do texto do Anexo 1, com conceitos, definições, palavras novas, situações já conhecidas para os/as alunos/as.

A forma de trabalho foi uma aula expositiva quando fizemos a leitura dos conceitos e abrimos para discussões sobre os significados das palavras. Fomos procurando dar exemplos de como alguns dos conceitos são utilizados em nosso cotidiano.

Alguns dos conceitos apresentados no texto já eram de conhecimento de alguns/as alunos/as, e outros foram explicados.

No quadro abaixo, estão listados os resultados do conhecimento ou não das palavras apresentadas, os itens foram elaborados para tentar dar clareza sobre o que os/as alunos/as conheciam ou não dos conceitos:

SITUAÇÕES	PALAVRAS
Não conheciam as palavras	Nome Social – Queer
Conheciam mas não sabiam o nome	Drag queens, famílias homoafetivas e transgênero.
Conhecia por nome diferente	Transfobia
Não sabia que existia	Crossdresser – Homem ou mulher transexual
Já conheci	Homofobia - Lesbianismo – Homossexual

Aos poucos, fomos esclarecendo as dúvidas e perguntando aos/às alunos/as em quais situações eles conviveram com pessoas que se enquadravam nos conceitos apresentados. E a maioria das respostas estava ligada à televisão, internet, programas de TV etc. muito poucos falavam que estava em seu convívio social, exceto quando falamos de homofobia, lesbianismo e homossexualidade.

Por mais que tentasse, não houve a participação de todos/as alunos/as, em contrapartida, outro grupo se mostrou muito interessado e participativo.

Esta aula foi muito interessante, pois introduzimos conceitos e iniciou-se a discussão do Projeto, e muitos/as alunos/as, pela primeira vez, entraram em contato com uma fala científica sobre determinados grupos que até então eram tratados com certo escárnio por muitos/as deles/as.

DIA: 28 DE AGOSTO

Discussão do Texto 2: FAÇA-SE OUVIR – Pelo fim da discriminação – PORTAL internacional de ação e informação – Idaho, 10 de maio de 2011.

A turma foi dividida em grupos de quatro alunos/as. Cada aluno/a recebeu um texto, fizemos a leitura em voz alta, depois o texto foi dividido em partes (parágrafos) e cada grupo ficou responsável por uma parte.

Após a leitura e a discussão entre os/as alunos/as nos grupos, socializamos as ideias. Vários/as alunos/as disseram frases de impacto, algumas falas carregadas de preconceito e com frases chavão, como as frases anotadas abaixo:

“Ser homossexual é uma escolha, devemos respeitar, mesmo achando que é errado”;

“Não precisam apoiar, mas sim respeitar”;

“Deus criou o homem para ser feliz, se é assim que acham que serão felizes, que sejam homossexuais”;

“Nós nascemos crianças, sem pecado, depois é que as crianças viram gays”;

“Nascemos para constituir famílias”;

“Devemos respeitar o direito de escolha das pessoas”;

“Homossexualidade não é permitida por Deus”;

Estas falas traduzem uma carga muito grande do preconceito da comunidade escolar, muitos/as destes/as aluno/as não sentem raiva da situação, mas tratam a questão da homossexualidade como algo que não merece muito comentário, ou algo que não tem fim.

DIA 11 DE SETEMBRO

Discussão do Texto 3: Um homossexual foi assassinado a cada 28 horas no Brasil em 2013, diz pesquisa.

A turma foi reunida em duplas para realizarmos a leitura do texto, iniciamos uma discussão aberta, onde cada aluno/a poderia dizer o que estivesse pensando sobre o texto: Abaixo, estão listadas algumas falas:

“Tá na Bíblia que é errado”;

“E se fosse seu filho? Você deixaria?” (Pergunta de duas alunas a uma colega evangélica que prontamente respondeu: “Eu mataria ele”.)

“Não gosto mais respeito”;

“Tenho nojo disto.”

“E na novela? O cara descobriu que o pai é gay e surtou. É bobeira demais dele”;

“Bater até a morte não pode”.

Nestas falas foram percebidas ideias recorrentes entre os/as alunos/as de que as práticas homossexuais são um “pecado”, existindo uma forte presença da religião na vida de nossos/as alunos/as. Não sentimos que existe raiva contra os homossexuais, é algo mecânico, um ato impensado de defender o que a igreja passa a eles/as, jovens adolescentes que seguem determinada religião.

DIA 25 DE SETEMBRO

Discussão do Texto 4: HOMOFOBIA – Texto da internet – Brasil Escola

Muitos/as alunos/as consideram ser a homossexualidade pecado, não consideram como perversão e aberração, mas é pecado. O que conseguimos entender é que ser homossexual não é errado, mas praticar atos homossexuais é que é errado.

Os/as alunos/as concordaram com a ideia de que o que é diferente de mim é errado, feio, inadequado. Não só o que se refere à homossexualidade.

Algumas alunas citaram o caso de um pastor que era gay, que hoje dá depoimento da cura gay. Com toda fé e certeza, elas acreditam nele, que Deus tocou a vida dele e ele se curou.

Nestes depoimentos, fica muito claro o que já foi apresentado acima, nossa comunidade escolar é carregada de um componente religioso, não que haja discussões teóricas sobre esta questão, mas muitas conversas são finalizadas com a seguinte frase: “é pecado, Deus não aceita isto”. O preconceito vem vestido de frases religiosas.

DIA 09 DE OUTUBRO

Discussão do Texto 5: Eu, papai e papai

Foi feita a escolha de um texto menos pesado ou denso, para que os/as alunos/as não ficassem com a ideia de que a questão da homossexualidade está ligada somente a notícias negativas. Foi encontrado este artigo que apresenta a quebra de tabus sobre a vida de famílias homoafetivas.

A turma foi dividida em quatro grupos que leram o texto que apresenta alguns mitos sobre a homossexualidade, cada grupo ficou com um dos mitos. Os/as alunos/as defenderam ou atacaram os mitos de seus grupos. Primeiramente se reuniram em grupos, trocaram ideias, anotaram o que consideraram mais interessante e se prepararam para apresentar.

Combinamos tempo para a apresentação e as discussões foram deixadas para o final, depois que todos os grupos apresentaram.

Cada grupo escolheu dois alunos/as para apresentar as ideias do grupo, sendo que um/a seria responsável pela defesa do mito e outro/a pelo ataque do mito.

MITO 1: FILHOS DE GAYS SERÃO GAYS.

Os dois alunos representantes deste grupo usaram muito o senso comum para fazer a defesa e o ataque, além de utilizarem de palavras chavão para se posicionarem. Na medida do possível, a intervenção é necessária para desmitificar algumas ideias já estabelecidas como algo único e verdadeiro.

“É lógico que ser gay não é aprendido nem ensinado, vai ser quem nascer para ser.”

Uma aluna entrevistou em determinado momento, dizendo que isto seria uma grande mentira, segundo ela este pensamento não tem lógica. Ela também utilizou de senso comum, mas defendeu sua ideia dando exemplos de heterossexuais que possuem filhos ou filhas homossexuais, o que desmente o mito 1.

MITO 2: ELES PRECISAM DA FIGURA DE UM PAI E DE UMA MÃE.

Este talvez tenha sido o mito mais interessante, uma aluna que defendeu que isto é um mito disse: *“Então se a mulher cria um filho sem pai este menino será sempre problemático?”*. Argumentou que alguns dos/das presentes na sala viviam somente com mães e suas avós. E como era notada a falta de um homem na criação deles/delas? Eles/elas não se consideravam “normais”? Será, segundo ela, que a falta do pai fez deles/delas pessoas desajustadas socialmente? Na verdade, ela ultrapassou um pouco a defesa do outro grupo, mas foi interessante.

MITO 3: AS CRIANÇAS TERÃO PROBLEMAS PSICOLÓGICOS POR CAUSA DO PRECONCEITO.

Uma aluna explicou a sua situação: *“fui criada pela minha avó, meu pai sumiu quando minha mãe estava grávida e aí? Cadê o preconceito? Só porque fui criada por uma mãe e uma avó devo ser desprezada e questionada? Por isto mesmo não devemos ter preconceitos contra os casais de gays que estão tentando adotar filho ou filhas”*.

Podemos não ter respostas ou opiniões pautadas em estudos científicos, em leituras específicas, mas em muitos momentos, notamos que uns/as poucos/as alunos/as apoiam as relações homossexuais.

MITO 4: ESSAS CRIANÇAS CORREM RISCO DE SOFRER ABUSOS SEXUAIS.

Um aluno disse: *“Será que somente homossexuais abusam sexualmente de alguém? Quantas vezes nós escutamos casos de crianças abusadas por pessoas “normais”?”*

Nas discussões destes mitos foi notado claramente que muitas opiniões formadas nas Igrejas ou nas próprias residências, são desconsideradas pelos/as alunos/as ao se posicionarem frente a certas certezas. Parecem duvidar do que lhes é passado como verdades prontas e acabadas.

Podemos considerar que este dia foi fundamental, pois houve grande participação cada um/a queria falar um pouco. Sempre se lembrando de alguém que se enquadrasse nos

exemplos do mito. Foi muito interessante, pois cada caso tinha um exemplo onde alguém poderia ser encaixado/a, e os/as alunos/as se inseriram, um pouco, nas situações apresentadas pelos/as colegas de sala

Neste dia foi notado que alguns/as alunos/as tentaram desmerecer os casais gays, em contrapartida, vários/as defenderam as situações do texto.

DIA 18 DE OUTUBRO

Neste dia, foram realizadas duas atividades ligadas à confecção dos cartazes e dos desenhos para o dia da Festa da Família:

- Pesquisas buscando imagens ligadas ao tema: orientação sexual, qualquer uma, para a execução dos cartazes e ilustrações que foram apresentadas no dia da Festa da Família;
- Explicação aos/as alunos/as de ideias de desenhos relativos ao tema.

DIAS 05 e 06 DE NOVEMBRO

Confecção dos cartazes, os/as alunos/as foram divididos em grupos de interesses e aos poucos, foram realizando a atividade, utilizando o que trouxeram de casa e procuraram gravuras nas revistas e jornais que foram entregues a eles/as.

A sala foi dividida em grupos que procuraram nas revistas e jornais fotos ou gravuras que achavam pertinentes ao tema.





Fotos tiradas no dia da execução dos cartazes

DIA 06 DE NOVEMBRO

Recolhemos os desenhos dos/as alunos/as participantes do concurso. Por mais que tenhamos conversado com eles/as a grande maioria não demonstrou muito interesse em participar do concurso.

Os participantes foram premiados/as com kits escolares que conseguimos angariar após coletas entre professores/as, amigos/as, colaboradores/as e também em resposta do Projeto que encaminhamos à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que autorizou a confecção das camisetas e também a compra de poucos materiais escolares.



Os kits entregues aos/às alunos/as participantes do concurso de desenhos



Camisetas confeccionadas e utilizadas no dia da Festa da Família pelos/as participantes do projeto.

DIA 08 DE NOVEMBRO

Dia da Festa da Família, aconteceu à exposição dos trabalhos, cartazes e desenhos, foram premiados os melhores desenhos (nas duas páginas a seguir). Os/as alunos/as e demais participantes do projeto usaram as camisetas confeccionadas e explicaram alguns conceitos que estavam diretamente envolvidos na produção do trabalho.

Infelizmente, como em várias outras atividades realizadas pela escola que conta com a participação de famílias e comunidade escolar, a Festa da Família recebeu pouco público, poucas pessoas foram visitar os trabalhos feitos por nossos/nossas alunos/as. As famílias não costumam participar de nossos eventos, por mais que façamos propagandas, convites, é uma problemática realidade escolar.

Os poucos familiares que visitaram a escola neste dia foram atuantes, curiosos/as instigantes, participativos/as dos trabalhos.



Desenho da aluna Fabiana



Desenho da aluna Rayane

DIA 13 DE NOVEMBRO

CURTA: “HOJE EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO” – Curta metragem brasileiro, dirigido por Daniel Ribeiro de 2010.

Ao iniciar o filme um menino comentou com o outro: “Credo vou ter que ver este filme de boiola?” E não foi muito interessante ouvir isto.

Os/as alunos/as tiveram diversas reações ao final do curta. Alguns/as fizeram defesa da mensagem do filme: Anotei três depoimentos:

ALUNO: “Eu não gostei, sou evangélico. Eu não acho que é uma doença, mas sim acho pecado, por isso não gostei, pois está escrito na bíblia que é homem com mulher não homem com homem ou mulher com mulher.”

ALUNA: Eu gostei achei interessante, querendo ou não o homossexualismo vai se tornar algo comum, então acho que temos que acostumar, pois é direito deles, eles tem o livre arbítrio de escolher o que querem. Acho super errado a homofobia, acho que tinha que ter uma pena para quem comete. Temos que respeitar o próximo.

ALUNA: Achei o filme interessante porque mostra que o amor acontece independente do sexo. Mostra que os gays não escolhem, acabando com a visão de que o homossexualismo é uma opção sexual. Mostra que acima de qualquer coisa somos humanos e devemos respeitar o próximo.

DIA 20 DE NOVEMBRO

Foi um momento destinado às conversas finais com os/as alunos/as, neste dia, formamos um círculo, em que cada um ou uma que quisesse pode falar à vontade. Abaixo estão algumas das falas:

ALUNA 1 – “Este projeto me ajudou, esclareceu algumas dúvidas sobre a homossexualidade, entendi como é difícil e sofrida a vida dos homossexuais, mas também vi que existe muita felicidade entre eles.”;

ALUNA 2 – “Só fico pensando: por que tantas brigas e tanta perseguição? Não somos todos seres humanos?”;

ALUNO 3 – “Continuo a pensar que é errado e é contra a lei de Deus, mas não concordo com a covardia.”;

ALUNA 4 – “Não gosto, não defendo, acho feio, pronto e acabado.”;

ALUNA 5 – “Mudei um pouco de pensamento, entendi que as pessoas pensam e agem de maneiras diferentes das minhas. O mais importante é entender que só porque é diferente de mim não é errado.”;

ALUNO 6 – “Tá na bíblia: Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem, o que nega isto está fora da lei de Deus.”;

ALUNO 7: “Continuo a achar que o povo está exagerando nos direitos de beijar na boca no meio da rua. É feio e tá errado.”;

ALUNA 8 – “Se cada um cuidar da sua vida diminui os problemas, cada um tem o seu jeito e sua vontade. Se quer ser gay, que seja.”.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como educadores/as devemos entender que o papel da escola foi por muito tempo o de “passar” um conhecimento determinado, à priori, pela classe dominante. Após movimentos de defesa da educação para todos, a escola atingiu uma grande parte da população, porém com a mesma forma curricular, com os mesmos discursos e apresentando uma educação claramente elitista, adultocêntrica, com uma moral cristã e heterossexual.

No resultado desta abrangência, não encontramos uma escola preocupada com as novas gerações, nem com os/as sujeitos/as antes invisibilizados, calados socialmente e que agora são partes integrantes de nossas vidas. Conforme SILVA, 2009:

A escola tem o dever de contribuir para um aumento e fortalecimento da auto-estima de todos os alunos independentemente da sua orientação sexual ou identidade de gênero. É também por excelência, um local que se espera que veicule informação correta.

Porventura a razão mais forte para as escolares lidarem com questões de orientação sexual e de identidade de gênero de forma direta é que são os próprios jovens que o pedem. O silêncio sobre estes assuntos é uma forma tão clara de veicular valores, tal como é dar-lhes respostas. Os valores que devem ser ensinados são aqueles que afirmam o respeito pelo outro, e o interesse dos outros, independentemente das suas diferenças. (SILVA, p:5)

E desde o início da execução deste projeto conhecia algumas das dificuldades que seriam encontradas ao trabalhar a questão da homossexualidade entre jovens. Mesmo sabendo da presença de homossexuais no cotidiano de todos, o assunto orientação sexual não é abordado, muitas vezes negligenciado, desprezado, e um pouco proibido.

A orientação homossexual é carregada de simbolismo, de dúvidas, e nossos/as jovens recebem cotidianamente informações carregadas por preconceitos que ligam a homossexualidade à doença, à falta de crença, imoralidade, ao desprezo da família socialmente constituída e solidamente edificada sobre alicerces seculares.

Como a religião é um componente muito presente nesta comunidade, por várias vezes os/as alunos/as disseram: “é pecado”, “é errado”, “não pode, está na bíblia”, e estas falas não surgem do nada, são resultados de discursos e falas de pastores/as que representam muito os/as alunos/as, pois são palavras de alguém que é intermediário, mensageiro das palavras divinas.

Além das falas cotidianas dos/as pastores/as, encontramos também propagandas, ações de grupos contrários aos direitos civis homoafetivos que as minorais batalham e reivindicam

juridicamente. Estas falas e opiniões preconceituosas entram cotidianamente em nossas escolas, em nossos lares. Exemplificando abaixo esta um outdoor colocado na cidade de São Paulo, e as frases de alguns pastores:



Outdoor exposto nas ruas da cidade do Rio de Janeiro

Nas palavras do pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil e publicado na página da igreja na internet, a homossexualidade é colocada como *“uma perversão satânica dos instintos sexuais do ser humano.”*. Para o líder, *“A Bíblia não classifica a homossexualidade como doença qualquer, pelo contrário, afirma claramente que se trata de uma deliberada desobediência a Deus e aos seus mandamentos”*, escreveu.

Para o pastor Paulo Eduardo Gomes Vieira, da Primeira Igreja Batista de São Paulo, a homossexualidade não está de acordo com os valores cristãos. *“Na nossa leitura entendemos que é uma distorção da sexualidade, portanto, é pecado. A Bíblia é clara com relação a isso”*, afirma.

Contrapondo à estas ideias e falas tão absurdas encontramos as palavras do Deputado Federal Jean Wyllys, Revista Carta Capital,

É claro que a violência é praticada por pessoas violentas e os agressores são responsáveis por seus atos, mas não é por acaso que as vítimas dessas agressões sejam, repetidamente, jovens homossexuais, e que muitas vezes as pancadas venham acompanhadas por citações bíblicas. A culpa não é da Bíblia, mas dos charlatões que, em nome de uma fé que não têm, distorcem seu texto e seu contexto para usá-la

contra a população LGBT, pregando o ódio e convocando a violência. Eles fazem isso por dinheiro e poder — ou você acha que realmente acreditam em alguma coisa? — e o resultado é um país que já se acostumou a assistir no Jornal Nacional à morte de mais um jovem gay, mais uma jovem lésbica, mais uma travesti ou uma pessoa transexual, vítimas do ódio irracional que os fundamentalistas promovem. (WYLLYS, Jean. Quando o Brasil vai ficar livre da homofobia? Revista Carta Capital. Edição online)

Nesta completa falta de reconhecimento e respeito ao/a outro/outra, ao que é diferente, ao que está fora do padrão da norma estabelecida socialmente, está inserida uma grande parte de nossa comunidade e das escolas. Muitos julgam ser a heterossexualidade a única forma ou maneira sexual aceita pela sociedade, LOURO, 2000, identifica os grupos considerados “normais”:

A identidade masculina branca heterossexual é o exemplo mais acabado da invisibilidade da norma. Ela é, por excelência, não-problemática. Para muitos, ela não é somente a identidade normal, mas é, antes de tudo, "natural". Apenas muito recentemente, em consequência da maior divulgação dos estudos feministas e do crescimento da teorização homossexual, é que se passou a interrogar também sua produção. (LOURO, 2000, p.69)

Encontrar trabalhos científicos que apresentem uma discussão referente à homossexualidade e a religião está sendo uma difícil tarefa. Um dos encontrados (SILVA, 2013), versa sobre este tema e confirma as falas dos/as alunos/as, que colocam a questão do pecado em primeiro lugar:

Entre os pentecostais, a concepção sobre homossexualidade constituiu-se fortemente a partir da estrutura sólida e "imutável" da "palavra" escrita na Bíblia, presente na interpretação dos jovens, repetida e reforçada por suas autoridades religiosas. Entendiam a homossexualidade como "pecado" e não demonstraram abertura para aceitar experiências sexuais não heterossexuais nas trajetórias biográficas dos adeptos. Referiram-se às escrituras sagradas para justificar seus posicionamentos e para marcar a diferença em relação à juventude "do mundo" – categoria nativa utilizada em referência aos jovens que não compartilham a crença evangélica. (SILVA, 2013, p.107)

Desde o início deste trabalho, uma das maiores preocupações foi deixar claro para todos/as que a intenção não era levantar bandeira de determinada causa social e sim de apresentar a diversidade sexual, não com desprezo, e sim, como uma realidade cotidiana e com o devido respeito. Apresentar as múltiplas formas de ser feliz e que as mais variadas situações sexuais são na verdade, algo que devemos tentar tirar do anonimato e trazê-las para nosso cotidiano.

Sobre o Projeto, a recepção por parte dos/as alunos/as, foi muito boa, e o desenvolvimento foi também uma forma de sanar algumas curiosidades, dúvidas, e um local de manifestar suas opiniões, perguntar, argumentar. Devemos batalhar para que estes momentos de diálogo possam ser mais presentes e atuantes em nossas escolas.

A escola deve ser um local de inserção destas discussões, os currículos devem ser estruturados dando voz e vez à todas as minorias. Porém, não encontramos com a frequência necessária a manifestação cultural de algum grupo que não faça parte do poder hegemônico.

Com o passar das discussões alguns/as alunos/as nos paravam no corredor e perguntavam: “Hoje vai ter aula de Projeto?” (é a forma que eles perguntavam sobre as discussões).

E o mais importante ficou em uma fala de uma aluna muito participativa e filha de um pastor que está descrita a seguir:

No dia 26 de dezembro, realizamos uma excursão à Praça da Liberdade. Um pequeno grupo de aluno/as, entre eles/as um casal de alunas homossexuais, que haviam assumido a relação no final de novembro.

Outra aluna, filha de pastor, comentou o seguinte:

“Professora, eu falei com a T (aluna homossexual) que tudo bem, só não queria ver ela beijando a namorada na minha frente, mas quando elas se beijaram eu não achei ruim, ou tanto absurdo. Mas a senhora precisava ver o que aconteceu: uma mãe estava passeando com seus filhos perto delas e quando elas se beijaram a mãe puxou os seus filhos para eles não verem o beijo. Credo, parece que as meninas são doentes, é um absurdo.”

Estas palavras nos dão uma pequena amostra de que as relações humanas, não são regidas por padrões imutáveis, devemos acreditar que acontecerá sempre alguma mudança, um entendimento de que as pessoas, independente de suas orientações devem ser respeitadas. Não devemos esperar uma resposta imediata sobre este projeto, pois o mesmo deve ser considerado um momento de discussão entre todos/as da comunidade escolar, sobre a necessidade de mudanças e reconhecimento da importância de todos/as envolvidos/as não só no processo educacional, muito além, inseridos na sociedade

12.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Rosangela Nieto de. Homofobia: *como trabalhar o respeito e a diversidade sexual na escola* – Construir notícias. *Pedagogia Em Discussão*. Ano 12, nº 67 – Versão Online.
- DIAS, Maria Berenice. Portal – Direito Homoafetivo – Consolidando Conquistas. <http://www.direitohomoafetivo.com.br/>
- FERRARI, Juliana Spinelli. Homofobia – Brasil Escola: Colaboradora Brasil Escola. Disponível em <http://www.brasilecola.com/psicologia/homofobia.htm>. Acesso em 09 e agosto. 2014.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília. 2012. (publicação online)
- LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres. EdUnB, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: *Gênero, sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997. 57-87.
- _____. Corpo, Escola e Identidade. *Educação & Realidade* 25(2): - jul/dez.2000
- LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana. (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade* – um debate contemporâneo sobre educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005,
- SARDINHA, Edson. Um homossexual foi assassinado a cada 28 horas no Brasil em 2013, diz pesquisa. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/relatorio-aponta-312-homossexuais-brasileiros-assassinados-em-2013>. Acesso em 05 de agosto. 2014.
- SILVA, Cristiane Gonçalves da; PAIVA Vera; PARKER, Richard. Juventude religiosa e homossexualidade: *desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais*. COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO v.17, n.44, p.103-17, jan./mar. 2013
- SILVA, Rita Passos. Educar para a diversidade. Um guia para professores sobre orientação sexual e identidade de gênero. Projeto Educação LGBT. Lisboa. 2ed. 2009.
- WYLLYS, Jean. Quando o Brasil vai ficar livre da homofobia? *Revista Carta Capital*. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/de-quantos-mortos-precisa-o-brasil-para-reagir-contr-a-homofobia-865.html>
- Eu, papai e papai. Castro. Carol. *Revista Superinteressante* – Fevereiro de 2012, nº 301. Disponível em <http://super.abril.com.br/cotidiano/4-mitos-filhos-pais-gays-676889.shtml>. Acesso em 10 de setembro. 2014.
- Faça-se ouvir. Pelo Fim da discriminação. Dia dos Direitos Humanos 2010. PORTAL internacional de ação e informação – Idaho, 10 de maio de 2011. Disponível em <www.dayagainsthomophobia.org/Alta-Comissaria-dos-Direitos,925>. Acesso em 10 agosto.2014.
- Religião versus homossexualidade: como as igrejas evangélicas acolhem os gays? Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2013-03-27/religiao-versus-homossexualidade-como-as-igrejas-acolhem-os-gays.html>. Acesso em dezembro. 2014

Curta metragem:

Eu não quero voltar sozinho. Direção de Daniel Ribeiro. Produção de Diana Almeida. São Paulo: Lacuna Filmes, 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbI>.

13. ANEXOS

ANEXO I

ALGUNS CONCEITOS

Para iniciarmos o nosso projeto, vamos entender alguns conceitos que encontramos com certa frequência em nosso dia a dia, uns muito e outros nem tanto.

Vamos primeiro, ler tudo e depois, cada um/uma aluno/aluna irá escolher os seguintes conceitos:

- 1)Um o que seja uma novidade;
- 2)Um que seja algo que você já tenha visto mas não sabia o nome;
- 3)Um que você já conhecia com nome diferente;
- 4)Um que você nunca tenha ouvido falar;
- 5)Um que você já conhecia tanto pelo nome correto.

BISSEXUAL: Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero.

CROSSDRESSER: Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras.

DRAG QUEENS (DRAG KINGS): Homem que se veste com roupas exageradas femininas estilizadas, e *drag king* a mulher que se veste como homem. A transformação em drag queen (ou king) geralmente envolve, por parte do artista, a criação de um personagem caracteristicamente cômico e/ou exagerado. Tanto drag queens como drag kings podem ter qualquer orientação sexual, e sê-lo não é indicativo de se ser homossexual, bissexual ou heterossexual.

HETEROSSEXUAL: Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

HOMEM TRANSEXUAL: Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Alguns também se denominam transhomens ou Female-to-Male

HOMOFOBIA: A homofobia caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa face às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e todos os aspectos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual.

HOMOSSEXUAL: Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica.

LESBIANISMO: refere-se à mulheres (lésbicas) que têm ou preferem ter romances e relações sexuais com outras mulheres.

LGBT: Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

MULHER TRANSEXUAL: Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se denominam transmulheres ou Male-to-Female (MtF).

NOME SOCIAL: Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.

ORIENTAÇÃO SEXUAL: Atração afetivo-sexual por alguém. Sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

ORGULHO: Antônimo de vergonha. Conceito desenvolvido pelo movimento social LGBT para propagar a ideia de que a forma de ser de cada pessoa é uma dádiva que a aproxima de comunidades com características semelhantes às suas, e deve ser afirmada como diferença que não se altera, não deveria ser reprimida nem recriminada.

SEXUALIDADE: Pode-se dizer que é traço mais íntimo do ser humano e como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo.

A noção de sexualidade como busca de prazer, descoberta das sensações proporcionadas pelo contato ou toque, atração por outras pessoas (de sexo oposto e/ou mesmo sexo) com intuito de obter prazer pela satisfação dos desejos do corpo, entre outras características, é diretamente ligada e dependente de fatores genéticos e principalmente culturais. O contexto influi diretamente na sexualidade de cada um.

TRANSEXUAIS: Pessoa que nasce com um sexo, no entanto completamente oposto ao seu corpo.

TRANSFOBIA: Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis.

TRANSGÊNEROS: É um conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento

TRAVESTI: Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento

QUEER OU ANDRÓGINO OU TRANSGÊNERO: Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

CONCEITOS RETIRADOS E ADAPTADOS DO LIVRO:

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília 2012.

ANEXO II



No Brasil, 250 pessoas foram assassinadas em ataques homofóbicos

No Brasil, 250 pessoas foram assassinadas em ataques homofóbicos ou transfóbicos em 2010

A Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Navi Pillay, divulgou uma mensagem em vídeo esta semana para alertar sobre o aumento dos crimes de ódio contra lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans. Os segmentos são conhecidos em grande parte do mundo pela sigla LGBT. No vídeo, ela lembra que, só no Brasil, 250 pessoas foram assassinadas em crimes deste tipo em 2010. “Infelizmente, estes não são casos isolados. O problema é global”, lembra Pillay.: “A história nos mostra o terrível preço humano da discriminação e do preconceito. Ninguém tem o direito de tratar um grupo de pessoas como sendo de menor valor, menos merecedores ou menos dignos de respeito”, conclui.

Alguns trechos do pronunciamento de Navi Pillary:

“Olá, eu sou Navi Pillay e sou a Alta Comissária da ONU para os Direitos Humanos. Os crimes de ódio contra lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans estão aumentando. (...) Estatísticas oficiais mostram que crimes de ódio contra homossexuais agora são quase 20% de todos os crimes de ódio registrados nos Estados Unidos, um aumento de 15% em relação a

alguns anos atrás. No ano passado, no Brasil, 250 pessoas foram assassinadas em ataques homofóbicos ou transfóbicos. (...)

A história nos mostra o terrível preço humano da discriminação e do preconceito. Ninguém tem o direito de tratar um grupo de pessoas como sendo de menor valor, menos merecedores ou menos dignos de respeito. Cada um de nós merece os mesmos direitos, o mesmo respeito e tratamento ético, independentemente de nossa orientação sexual ou identidade de gênero.(...)

Mas sejamos diretos, o princípio de que ninguém deve sofrer discriminação em razão da sua sexualidade ou identidade de gênero já está plenamente integrado em nossos atuais padrões internacionais de direitos humanos. Dezesete anos atrás, o Comitê de Direitos Humanos das Nações Unidas, cujo trabalho é lembrar aos Estados de tais padrões, confirmou que, nos termos do direito internacional, os Estados têm a obrigação de descriminalizar a homossexualidade e proteger seus indivíduos contra a discriminação com base na sua orientação sexual. Outros órgãos das Nações Unidas dizem o mesmo. (...)

Por isso, vamos lembrar uns aos outros o que queremos: direitos iguais para todos, sejam eles quem forem, amem a quem amarem. É uma grande causa dos direitos humanos e uma a qual tenho orgulho de apoiar.

Obrigada.”

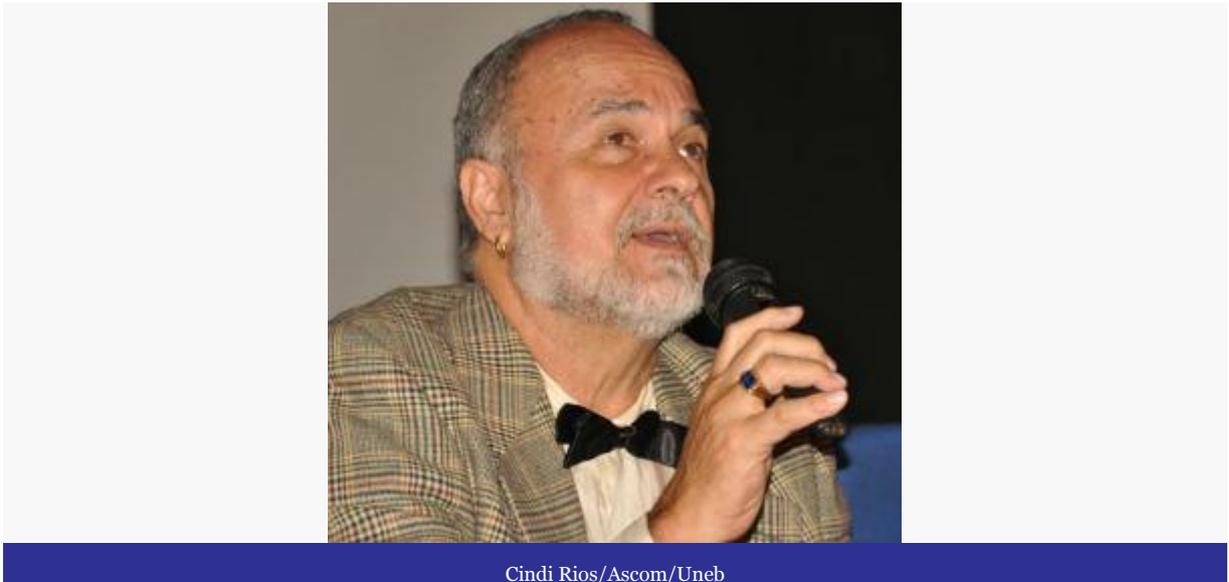
PORTAL internacional de ação e informação – Idaho, 10 de maio de 2011. Disponível em <www.dayagainsthomophobia.org/Alta-Comissaria-dos-Direitos,925>. Acesso em 10 out.2011.

ANEXO III

Um homossexual foi assassinado a cada 28 horas no Brasil em 2013, diz pesquisa

Registro de gays, lésbicas e travestis assassinados cresceu quase 15% no país nos últimos quatro anos. Com 312 mortes, Brasil lidera ranking mundial de violência contra homossexuais.

Entidade acusa governos de “homofobia institucional”



Cindi Rios/Ascom/Uneb

Luiz Mott: "Policiais e delegados cada vez mais, sem provas, descartam a presença de homofobia em muitos desses 'homicídios'"

Pelo menos 312 gays, lésbicas e travestis brasileiros foram assassinados em 2013, média de um homicídio a cada 28 horas, revela pesquisa feita pelo Grupo Gay da Bahia (GGB). A entidade estima que 99% dos crimes foram motivados por **homofobia**. Apesar de apontar uma queda de 7,7% em relação a 2012, quando foram registradas 388 mortes, a pesquisa destaca que o número de assassinatos de homossexuais cresceu 14,7% nos últimos quatro anos.

Segundo o estudo, o Brasil segue como campeão mundial em homicídios de homossexuais: de cada cinco gays ou transgêneros assassinados no mundo, quatro são brasileiros. E os dados reunidos neste começo de ano apontam tendência de piora no quadro: em janeiro, 42 homossexuais foram assassinados, ou seja, um a cada 18 horas.

O relatório acusa os governos federal e estadual de promoverem “homofobia institucional”. No caso dos estados, por não garantirem a segurança nos espaços frequentados pela comunidade LBGT. Já o governo Dilma é responsabilizado por ter vetado a campanha do

kit anti-homofobia, a pedido de parlamentares ligados a igrejas, e por não ter pressionado sua bancada aliada no Senado a aprovar a lei que torna crime a discriminação de homossexuais, o chamado PL da Homofobia.

A pesquisa mostra que Pernambuco (34 vítimas) e São Paulo são os estados onde mais LGBTs foram assassinados em 2013. Proporcionalmente, os estados mais perigosos foram Roraima e Mato Grosso. Já Manaus (com 12 crimes) e Cuiabá foram as capitais com o maior número de crimes homofóbicos. O Nordeste segue como região mais violenta para esse segmento, com 43% dos assassinatos, seguido pelo Sudeste e pelo Sul, com 35%. Os estados menos violentos para gays e transgêneros foram o Acre, que não registrou crime contra homossexuais nos últimos três anos, Amapá, com uma ocorrência, e Espírito Santo, com duas.

Para o coordenador da pesquisa, o antropólogo Luiz Mott, o número de mortes de homossexuais em 2013 foi ainda maior do que o grupo conseguiu levantar. “A subnotificação destes crimes é notória, indicando que tais números representam apenas a ponta de um iceberg de violência e sangue, já que nosso banco de dados é construído a partir de notícias de jornal, internet e informações enviadas pelas Ongs LGBT. A realidade deve certamente ultrapassar em muito tais estimativas, sobretudo nos últimos anos, quando policiais e delegados cada vez mais, sem provas, descartam a presença de homofobia em muitos desses ‘homocídios’”, explica o fundador do GGB.

De acordo com a pesquisa, os gays lideram as estatísticas de vítimas: 186 (59%), seguidos de 108 travestis (35%), 14 lésbicas (4%), dois bissexuais (1%) e dois heterossexuais (1%) confundidos com homossexuais. Também foram incluídos na relação dez suicidas gays que, segundo a entidade, não suportaram a pressão homofóbica. Apenas um quarto dos acusados de terem cometido o crime foi identificado nos inquéritos policiais, segundo o levantamento.

POR EDSON SARDINHA | 14/02/2014 11:47

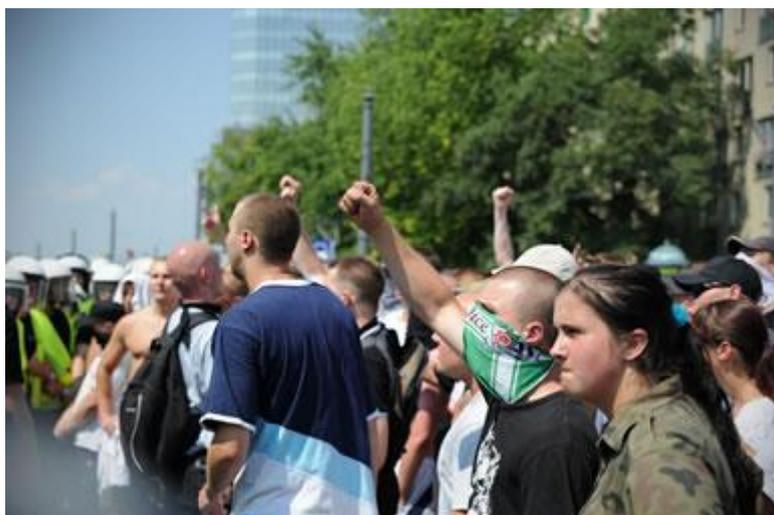
CATEGORIA(S): DIREITOS HUMANOS, NOTÍCIAS

[HTTP://CONGRESSOEMFOCO.UOL.COM.BR/](http://congressoemfoco.uol.com.br/)

ANEXO IV

HOMOFOBIA

Homofobia é o termo utilizado para designar uma espécie de medo irracional diante da homossexualidade ou da pessoa homossexual, colocando este em posição de inferioridade e utilizando-se, muitas vezes, para isso, de violência física e/ou verbal.



Manifestação contrária ao Europride 2010 (evento realizado pela Associação Europeia do Orgulho Gay) – Varsóvia, Polônia *.

A palavra homofobia significa a repulsa ou o preconceito contra a homossexualidade e/ou o homossexual. Esse termo teria sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos em meados dos anos 70 e, a partir dos anos 90, teria sido difundido ao redor do mundo. A palavra fobia denomina uma espécie de “medo irracional”, e o fato de ter sido empregada nesse sentido é motivo de discussão ainda entre alguns teóricos com relação ao emprego do termo. Assim, entende-se que não se deve resumir o conceito a esse significado.

Podemos entender a homofobia, assim como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma. A homofobia é a expressão do que podemos chamar de hierarquização das sexualidades. Todavia, deve-se compreender a legitimidade da forma homossexual de expressão da sexualidade humana.

No decorrer da história, inúmeras denominações foram usadas para identificar a homossexualidade, refletindo o caráter preconceituoso das sociedades que cunharam determinados termos, como: pecado mortal, perversão sexual, aberração.

Outro componente da homofobia é a projeção. Para a psicologia, a projeção é um mecanismo de defesa dos seres humanos, que coloca tudo aquilo que ameaça o ser humano como sendo algo externo a ele. Assim, o mal é sempre algo que está fora do sujeito e ainda, diferente daqueles com os quais se identifica. Por exemplo, por muitos anos, acreditou-se que a AIDS era uma doença que contaminava exclusivamente homossexuais. Dessa forma, o “aidético” era aquele que tinha relações homossexuais. Assim, as pessoas podiam se sentir protegidas, uma vez que o mal da AIDS não chegaria até elas (heterossexuais). A questão da AIDS é pouco discutida, mantendo confusões como essa em vigor e sustentando ideias infundadas. Algumas pesquisas apontam ainda para o medo que o homofóbico tem de se sentir atraído por alguém do mesmo sexo. Nesse sentido, o desejo é projetado para fora e rejeitado, a partir de ações homofóbicas.

Assim, podemos entender a complexidade do fenômeno da homofobia que compreende desde as conhecidas “piadas” para ridicularizar até ações como violência e assassinato. A homofobia implica ainda numa visão patológica da homossexualidade, submetida a olhares clínicos, terapias e tentativas de “cura”.

A questão não se resume aos indivíduos homossexuais, ou seja, a homofobia compreende também questões da esfera pública, como a luta por direitos. Muitos comportamentos homofóbicos surgem justamente do medo da equivalência de direitos entre homo e heterossexuais, uma vez que isso significa, de certa maneira, o desaparecimento da hierarquia sexual estabelecida, como discutimos.

Podemos entender então que a homofobia compreende duas dimensões fundamentais: de um lado a questão afetiva, de uma rejeição ao homossexual; de outro, a dimensão cultural que destaca a questão cognitiva, onde o objeto do preconceito é a homossexualidade como fenômeno, e não o homossexual enquanto indivíduo.

Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu a legalidade da união estável entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. A decisão retomou discussões acerca dos direitos da homossexualidade, além de colocar a questão da homofobia em pauta.

Apesar das conquistas no campo dos direitos, a homossexualidade ainda enfrenta preconceitos. O reconhecimento legal da união homoafetiva não foi capaz de acabar com a homofobia, nem protegeu inúmeros homossexuais de serem rechaçados, muitas vezes de forma violenta.

*Créditos da imagem: [Patrycja Mic](#) / [Shutterstock.com](#)

Juliana Spinelli Ferrari

Colaboradora Brasil Escola

Graduada em psicologia pela UNESP - Universidade Estadual Paulista

Curso de psicoterapia breve pela FUNDEB - Fundação para o Desenvolvimento de Bauru

Mestranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP - Universidade de São Paulo

ANEXO V

Eu, papai e papai

4 mitos sobre filhos de pais gays

O gays lutaram e conquistaram direitos iguais no casamento. O próximo passo é pensar em família e filhos. Mas o que acontece com crianças que são criadas por gays? A resposta: algumas coisas - mas nenhuma daquelas que você imaginava

por Carol Castro



Começo de ano é sempre igual na escola de Theodora: cada aluno se apresenta e mostra as fotos da família. Pode ser que a menina da primeira carteira seja filha de um engenheiro e uma arquiteta e o pai do menino de cabelos vermelhos chefie a cozinha de um restaurante. Theodora, naturalmente, vai contar sobre a escola de cabeleireiros dos pais. Dos dois pais - Vasco Pedro da Gama e Júnior de Carvalho, juntos há quase 20 anos. Theodora não hesita em explicar para os colegas: não mora com a mãe e tem dois pais gays. Ela passou 4 anos num orfanato, até 2006, quando uma juíza de Catanduba, interior de São Paulo, autorizou a adoção. Nos próximos meses, a família vai crescer: o casal espera a guarda de uma nova menina, de apenas alguns meses de idade.

Theodora faz parte de um novo tipo de família. Somente nos EUA, segundo estimativa da Escola de Direito da Universidade da Califórnia, 1 milhão de lésbicas, gays,

bissexuais e transexuais criam atualmente cerca de 2 milhões de crianças. E cada vez mais casais gays optam por criar seus próprios filhos. Segundo o mesmo instituto, em 2009, 21.740 casais homossexuais adotaram crianças - quase o triplo do número de 2000. Por aqui, onde mais de 60 mil casais gays vivem numa união estável (reconhecida perante a lei apenas no ano passado), a história é mais recente. O caso de Theodora foi a primeira adoção por um casal gay. E isso não faz tanto tempo assim - só 6 anos.

É justamente por ser tão recente que o assunto gera dúvidas, preconceitos e medos. Quais as consequências na personalidade de uma criança se ela for criada por gays? A resposta dos estudos é bem clara: perto de zero. "As pesquisas mostram que a orientação sexual dos pais parece ter muito pouco a ver com o desenvolvimento da criança ou com as habilidades de ser pai. Filhos de mães lésbicas ou pais gays se desenvolvem da mesma maneira que crianças de pais heterossexuais", explica Charlotte Patterson, professora de psiquiatria da Universidade da Virginia e uma das principais pesquisadoras sobre o tema há mais de 20 anos.

O desenvolvimento da criança não depende do tipo de família, mas do vínculo que esses pais e mães vão estabelecer entre eles e a criança. Afeto, carinho, regras: essas coisas são mais importantes para uma criança crescer saudável do que a orientação sexual dos pais", diz Mariana Farias, psicóloga e autora do livro *Adoção por Homossexuais - A Família Homoparental Sob o Olhar da Psicologia Jurídica*.

Veja aqui o que a ciência tem a dizer sobre eles.

Mito 1. "Os filhos serão gays!"

A lógica parece simples. Pais e mães gays só poderão ter filhos gays, afinal, eles vão crescer em um ambiente em que o padrão é o relacionamento homossexual, certo? Não necessariamente. (Se fosse assim, seria difícil, por exemplo, explicar como filhos gays podem nascer de casais héteros.) Um estudo da Universidade Cambridge comparou filhos de mães lésbicas com filhos de mães héteros e não encontrou nenhuma diferença significativa entre os dois grupos quanto à identificação como gays. Mas isso não quer dizer que não existam algumas diferenças. As famílias homoparentais vivem num ambiente mais aberto à diversidade - e, por consequência, muito mais tolerante caso algum filho queira sair do armário ou ter experiências homossexuais. "Se você cresce com dois pais do mesmo sexo e vê amor e carinho entre eles, você não vê nada de estranho nisso", conta Arlene Lev, professora da Universidade de Albany. Mas a influência para por aí. O National Longitudinal Lesbian Family Study é uma pesquisa que analisou 84 famílias com duas mães e as comparou a um

grupo semelhante de héteros. Ainda entre as meninas de famílias gays, 15,4% já experimentaram sexo com outras garotas, contra 5% das outras. Já entre meninos, houve uma tendência contrária: 5,6% nos adolescentes criados por mães lésbicas tiveram experiências sexuais com parceiros do mesmo sexo - mas menos do que os que cresceram em famílias de héteros, que chegaram a 6,6%. Ou seja, não dá para afirmar que a orientação sexual dos pais tenha o poder de definir a dos filhos.

Mito 2. "Eles precisam da figura de um pai e de uma mãe"

Filhos de gays não são os únicos que crescem sem um dos pais. Durante a 2ª Guerra Mundial, estima-se que 183 mil crianças americanas perderam os pais. No Brasil, 17,4% das famílias são formadas por mulheres solteiras com filhos. Na verdade, os papéis masculino e feminino continuam presentes como referência mesmo que não seja nos pais. "É importante que a criança tenha contato com os dois sexos. Mas pode ser alguém significativo à criança, como uma avó. Ela vai escolher essa referência, mesmo que inconscientemente", explica Mariana Farias. Se há uma diferença, ela é positiva. "Crianças criadas por gays são menos influenciadas por brincadeiras estereotipadas como masculinas ou femininas", diz Arlene Lev. Uma pesquisa feita com 56 crianças de gays e 48 filhos de héteros apontou a maior probabilidade de meninas brincarem com armas ou caminhões. Brincam sem as amarras dos estereótipos e dos preconceitos.

Mito 3. "As crianças terão problemas psicológicos por causa do preconceito!"

Elas sofrerão preconceito. Mas não serão as únicas. No ambiente infantil, qualquer diferença - peso, altura, cor da pele - pode virar alvo de piadas. Não é certo, mas é comum. Uma pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas com quase 19 mil pessoas mostrou que 99,3% dos estudantes brasileiros têm algum tipo de preconceito. Entre as ações de bullying, a maioria atinge alunos negros e pobres. Em seguida vêm os preconceitos contra homossexuais. No caso dos filhos de casais gays analisados pelo National Longitudinal Lesbian Family Study, quase metade relatou discriminação por causa da sexualidade das mães. Por vezes, foram excluídos de atividades ou ridicularizados. Vinte e oito por cento dos relatos envolviam colegas de classe, 22% incluíam professores e outros 21% vinham dos próprios familiares. Felizmente, isso não é sentença para uma vida infeliz. Pesquisas que comparam filhos de gays com filhos de héteros mostram que os dois grupos registram níveis semelhantes de autoestima, de relações com a vida e com as perspectivas para o futuro. Da mesma forma, os índices de depressão entre pessoas criadas por gays e por héteros não é

diferente.

Mito 4. "Essas crianças correm risco de sofrer abusos sexuais!"

Esse mito é resquício da época em que a homossexualidade era considerada um distúrbio. Desde o século 19 até o início da década de 1970, os gays eram vistos como pervertidos, portadores de uma anomalia mental transmitida geneticamente. Foi só em 1973 que a Associação de Psiquiatria Americana retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais. É pouquíssimo tempo para a história. O estigma de perversão, sustentado também por líderes religiosos, mantém a crença sobre o "perigo" que as crianças correm quando criadas por gays. Até hoje, as pesquisas ainda não encontraram nenhuma relação entre homossexualidade e abusos sexuais. Nenhum dos adolescentes do National Longitudinal Lesbian Family Study reportou abuso sexual ou físico. Outra pesquisa, realizada por três pediatras americanas, avaliou o caso de 269 crianças abusadas sexualmente. Apenas dois agressores eram homossexuais. A Associação de Psiquiatria Americana ainda esclarece: "Homens homossexuais não tendem a abusar mais sexualmente de crianças do que homens heterossexuais".

Texto adaptado de:

Eu, papai e papai. Castro. Carol. Revista Superinteressante – Fevereiro de 2012 , nº 301.

Disponível em <http://super.abril.com.br/cotidiano/4-mitos-filhos-pais-gays-676889.shtml>.

Acesso em 10 de setembro. 2014.